

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**BIOGRAFIA EM PALCO:
CONTRIBUIÇÃO PARA A TEORIA PSICODRAMÁTICA**

Hugo Filipe Ramos da Silva Nunes

Nº 15263

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**BIOGRAFIA EM PALCO:
CONTRIBUIÇÃO PARA A TEORIA PSICODRAMÁTICA**

Hugo Filipe Ramos da Silva Nunes

Dissertação Orientada por: Prof. Dra. Helena Germano

Mestre em Psicologia Clínica

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dra Helena Germano apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS

Este é um espaço reservado para pensar naqueles que contribuíram directa e/ou indirectamente para o “pensar”, “criar” e “fazer crescer” esta monografia. A todos agradeço por fazerem germinar esta *ideia-trabalho*, por lhe terem dado as condições necessárias para que crescesse e por terem aparado os ramos necessários para que não tombasse com peso desnecessário.

Em primeiro lugar agradeço à Prof. Dra. Helena Germano pelo apoio e por ter acreditado neste trabalho, mesmo com percalços, à Prof. Ana Pina Martins, que aos poucos me mostrou que para se fazer um trabalho original, que ao mesmo tempo nos faz crescer para entender o outro, por vezes é preciso largar mão do objectivável, do concreto e do seguro, para deitarmos mãos a uma matéria prima que surge da relação com o outro, um “material” da ordem do imaginário, da empatia e do lúdico, uma intersubjectividade que nos molda a todos, entrevistador e entrevistado.

Em segundo lugar quero agradecer a todos aqueles que têm um lugar importante na minha vida e coração, e que me apoiaram nas alturas de maior stress. Obrigado primeiro que tudo ao Miguel pela paciência para comigo e ao seu incansável apoio, ao meu Pai e Mãe, à minha Irmã e à afectividade e compreensão de Maria Moreira dos Santos.

Agradeço também a todas as pessoas que, no mundo da Psicologia, me deram a mão para dar um contorno mais definido a este trabalho. Agradeço à Joana por sua amizade e carinho, à Prof. Cristina Gago da Silva e ao grupo do seminário de monografia (Ana, Clarisse, Guida, Mésicles, Susana e Cláudia) por todas as boas ideias que me deram.

Apenas quando as causas e condições estão presentes é que algo se manifesta. Agradeço-vos a todos por me terem ajudado a manifestar este trabalho.

RESUMO

Este estudo tem como objectivo reflectir sobre a compreensão do desenvolvimento da Identidade e a importância da relação com outros nesse processo. Foi considerado pertinente para esta reflexão o uso da teoria Psicodramática e a sua relação com o Corpo. O sujeito do estudo é uma jovem adulta de 21 anos, de orientação homossexual. A reflexão sobre o desenvolvimento identitário foi explorado com base no estudo de diversos Papéis (Psicossomáticos, Sociais e Psicodramáticos), mencionados na teoria psicodramática, assim como na forma como estes se inter-influenciam. Ao longo das entrevistas clínicas não directivas, notou-se que a ausência de um ambiente afectivo facilitador parece ter dificultado a integração da consciência do corpo, independente e autónomo, com um tempo/espaço próprios. Neste sentido a colagem a papéis rígidos e ao *social/banal* surgiu, então, como um *Falso Self*, uma forma protegida de relacionamento interpessoal.

Palavras-Chave : Identidade; Psicodrama; Psicossomática;

This case-study was created with the objective of reflecting about the understanding of the development of one's Identity and the importance of other people's influence in that process. It was considered important for this reflection the use of the Psychodramatic Theory and its relation with one's Body. The case-subject was a 21 years old young adult, homosexual orientated. The reflection about her Identity development was explored based in different Roles (Psychosomatic, Social and Psychodramatic) mentioned in the Psychodramatic Theory as well as the way they influence each other. During the non directive clinic interviews, it has been noted that the absence of an affective facilitator environment seemed to have hindered the integration of the Body awareness, independent and autonomous with its one time / space. In this sense, sticking to "rigid Roles" and to Social Rules may have helped the emergence, of a False Self, a protected form of interpersonal relationship.

Key Words: Identity; Psychodrama; Psychosomatic;

ÍNDICE

I.	Introdução: “Aquecimento para a Acção”.....	2
II.	Metodologia: “Cenário Dramático”.....	11
	• Objectivo e Sujeito.....	11
	• Processo Metodológico.....	11
III.	Discussão do Caso: “Dramatização no Palco do Imaginário”.....	14
IV.	Conclusão: “Comentários”.....	22
V.	Referências Bibliográficas: “conservas Culturais Necessárias”.....	26

ANEXOS

<i>Entrevistas Transcritas</i>	1
1 ^a entrevista.....	1
2 ^a entrevista.....	30
3 ^a entrevista.....	50
4 ^a entrevista.....	70
5 ^a entrevista.....	94
6 ^a entrevista.....	113
7 ^a entrevista	155
8 ^a entrevista.....	176

INTRODUÇÃO: “Aquecimento para a Acção”

Moreno (1975, cit por Féo in Vasconcellos, 2007) propõe a noção de “**EU**” como algo que emerge do **Desempenho de Papéis**. Segundo essa concepção, o EU torna-se algo de plural, pois todos nós exercemos diversos papéis e transitamos por diversos tipos de grupos sociais, que nos convocam a acções, pensamentos e sentimentos, nem sempre compatíveis entre si. Assim, podemos pensar que examinar papéis é uma forma de explorar o EU em acção/relação (Gershoni, 2008). Estes papéis surgem pela existência de um **Vínculo** (relação), que lhe dá uma **Matriz** (Génese/Meio), que dá origem mais tarde ao **Átomo Social** (menor núcleo interpessoal de indivíduos com os quais está relacionado afectivamente – Gonçalves, 1988) que se encontra impregnada pelos valores da sociedade que o circunda (**Rede Sociométrica** - sistema de relações). Os papéis podem ser aprendidos, reaprendidos, desenvolvidos, modificados ou extintos.

O processo é gradual e começa ao se Assumir/Imitar um Papel (*Role Taking*) quando não há variação evidente do modelo, passa pelo Jogo de Papéis (*Role Playing*) com algumas modificações individuais e chega à criação do papel (*Role Creating*), o grau mais elevado, onde a pessoa expressa espontaneidade e interpretação pessoal para além do que foi aprendido e imitado por outros, estando acima das expectativas do seu contexto social. É também através deste Desempenho de Papéis que todo o conflito é incorporado, geralmente no papel de filho(a) e através do seu complementar mãe/pai (Bustos, 2005). Quando estes papéis se fixam no seu *modos operandi* ao papel complementar primário este é designado de **Complementar Interno Patológico**. Quanto mais forte este conflito, mais incapacitante será o resultado e mais papéis terá afectado. Todo o estímulo externo que desencadeie esta dinâmica originará condutas que correspondem à relação com este complementar interno patológico.

Segundo Dias (2006), esta **Matriz da Identidade** é o lugar (*Locus*) onde o recém-nascido se insere desde o nascimento, relacionando-se com objectos e pessoas dentro de um determinado **Clima Afectivo**. No início, a Matriz está basicamente ligada aos processos fisiológicos, posteriormente, coincidindo com a evolução da criança, vincula-se aos processos psicológicos e sociais, oferecendo à criança o alimento físico, psíquico e social. O primeiro grupo social (**Átomo Social**) ao qual a criança se vincula nesta Matriz é a família, a partir da qual passa a absorver as características sócio-culturais do seu contexto histórico, sua herança filogenética, ontológica e antropológica. É esta **Placenta Social** que condiciona grande parte

da sua vida futura, ao transmitir-lhe modelos de conduta social e de relacionamento (Gonçalves, 1988). É o *Locus* do processo de aprendizagem emocional dos “primeiros papéis” no âmbito do processo de desempenho de papéis e do modelo de imitação, representação e inversão de papéis (Moreno, 1975). Moreno (1975, cit por Féo in Ricotta, 1990) entende o processo de desenvolvimento desta Matriz como estando dividido em duas etapas: O Primeiro Universo (respeitante a vínculos com pessoas e objectos) e o Segundo Universo Infantil (respeitante à forma como esses vínculos são vivenciados subjectivamente), que são separados pela chamada “Brecha entre Realidade e Fantasia”. Estas etapas percorrem cinco fases evolutivas do desenvolvimento infantil da seguinte forma (Moreno, 1975):

1ª.Fase - Identidade Total Indiferenciada: Onde pessoas, coisas e objectos são sentidos como uma parte da criança, não existindo diferenciação entre o que ocorre dentro e o que se passa fora de si mesmo. Segundo Freire (2000), a criança vivencia e experiencia, então, uma acção partilhada (mãe-criança), sendo o Corpo vivenciado como um “*Corpo Disperso*”, sem percepção do limite entre Eu-Mundo.

2ª. Fase - Identidade Total Diferenciada: A criança começa a separar-se da indiferenciação Eu-Mundo, concentrando-se naquilo que é de diferente, estranhando parte dela (Moreno, 1975). É a Fase do Duplo. Uma vivência em que a criança experiencia partes do seu corpo, sensações próprias e exteroceptivas, vivências descontínuas, sem unidade no tempo e espaço, que a fazem vivenciar um “*Corpo Parcial*” (Freire, 2000).

3ª. Fase - Identidade Parcial Diferenciada: A criança concentra-se nas suas próprias sensações corporais, deixando de fora todas as coisas, objectos e pessoas. É a Fase do Espelho. A criança vai adquirindo uma imagem de si, que é reconhecida pelos que a espelham. Assim, pouco a pouco, com a maturação do Sistema Nervoso e com o Reconhecimento que recebe dos outros, a criança começará a unificar essas experiências sensíveis, parciais e momentâneas, conquistando uma vivência mais unitária de um “*Corpo Próprio*” (Freire, 2000).

Ingressa, então, no 2º. Universo Infantil, ao ser estabelecida a Brecha entre Fantasia e Realidade. O Corpo, que se coloca como “*Pessoa Privada*”, fá-la acreditar ser o centro do Universo. É uma fase caracterizada pelo egocentrismo e de domínio sobre os que a cercam. Serão os limites, os “nãos”, que lhe permitirão distinguir a realidade da fantasia, ou seja, que

existe um espaço onde seu poder é limitado pela realidade (*Corpo*), de outra dimensão, onde imagina que pode realizar tudo o que quer (*Fantasia*).

4ª. Fase – Moreno (1975) fala-nos desta fase como a de **Inversão Parcial de Papéis**: a criança começa a separar fantasia e realidade colocando-se activamente na outra parte, jogando papéis imaginários com pessoas, coisas e objectos e fazendo o reconhecimento das suas posses, começando a estabelecer “*Relações em Corredor*”, exclusivistas e possessivas (Fonseca, 2000). Freire (2000), por sua vez, diz-nos que por meio da conquista deste “*Corpo Próprio*”, a criança entrará na Segunda Fase do Desenvolvimento Infantil da Matriz da Identidade, a do **Reconhecimento do Eu**, conquistando uma vivência unitária e subjectiva do corpo próprio, diferente dos outros.

5ª. Fase - **Inversão Completa de Papéis**: Nesta fase, a Matriz de Identidade Total e Diferenciada dissolve-se e a criança ingressa na Matriz Social, invertendo papéis com pessoas, coisas e objectos. Reconhece-se como EU e passa a jogar activamente o papel de outra pessoa que, por sua vez, representa o seu próprio papel. É o jogo do **papel** e do **complementar**: filho(a) - mãe/pai, irmã - irmão, etc). É a Fase de Inversão de Papéis. Nesta fase, a forma de reconquistar o poder perdido na vivência do limite corporal é identificar-se com o adulto. Assim, a criança representa ludicamente o seu papel, conquistando a **função psicodramática**, ou seja, a capacidade do jogo simbólico, em que, invertendo papéis com os pais, descobre por meio da acção a rede dos papéis sociais na qual está inscrita e a sua identidade. Mediante estas vivências psicodramáticas dos vários papéis familiares, a criança desenvolverá sua posição no mundo cultural, onde o seu Corpo deixará o isolamento e a marginalização do seu mundo privado, para descobrir-se como “*Corpo Simbólico*”. Esta é a Terceira Fase da Matriz da Identidade, Fase do **Reconhecimento do Tu** e dos Outros. Freire (2000) diz-nos que a criança passa, então, a conquistar unicidade do seu Eu no mundo através de um “*Corpo Activo*”, que lhe confere uma posição real, tornando-se capaz de transformar esse mundo por meio do desempenho (*Playing*) e da recriação (*Creating*) do papel (*Role*).

Moreno considera que essas cinco fases são as bases psicológicas para todos os processos de desempenho de papéis e para fenómenos como a imitação, projecção e transferência. Bermúdez (1977) utiliza as fases da Matriz de Identidade para acrescentá-la ao seu esquema teórico do Núcleo do Eu. Nessa teoria inclui a noção de três áreas importantes na estruturação do EU: **Corpo - Mente - Ambiente**, referindo-se a estas como áreas de expressão

de conduta e que delimitam o *Ego*. É proposto, nesta lógica, que as vivências psicossomáticas sejam integradas na compreensão da formação da Identidade (Freire, 2000). Este modelo amplia o conceito de papel, pois reenvia o conceito de papéis psicossomáticos às funções fisiológicas indispensáveis à sobrevivência, que se vão estruturar a partir da complementaridade entre mundo externo e interno da criança. Estas interações entre necessidades internas e procedimentos externos (dos cuidadores), resultantes destas experiências de interação genética-social, foram designadas de *Marcas Mnémicas*, registos fundamentais para a organização do psiquismo (Barbosa, Khouri, Machado, Rebouças, in Fleury, Khouri & Hug, 2008). Nesse sentido, quanto mais essa interação for sentida como um clima afectivo facilitador (clima de aceitação, protecção e continência), mais completa se tornará a organização dessa cota de psiquismo em questão (Dias, 2006). Assim, se a descarga tensional for incompleta, resultante da acção de climas afectivos inibidores (abandono, indiferença, rejeição, ansiedade, medo, angústia, hostilidade), mais deficiente é a organização do psiquismo, o que gera uma sensação de incompletude, falta e desorganização, que ficará impressa nesse psiquismo, vinculada à área que estava a ser desenvolvida.

Seguindo esta lógica, Dias (2006) defende que o psiquismo da criança encontra-se centrado nas sensações viscerais, fazendo-as sobressair sobre todas as outras. Denomina esta forma de psiquismo de Psiquismo Caótico e Indiferenciado (PCI). Contudo, afirma que todo o indivíduo tem a determinação básica de organizar esta parte num Psiquismo Organizado e Diferenciado (POD), na relação com Outro(s). Assim, quando em contacto com este **PCI**, a criança vivencia um intenso sentimento de desamparo e de sensação de morte, sensações sem nome e incapazes de serem pensadas. A solução encontrada é a de estabelecer com o ambiente externo, pessoas ou coisas, um tipo especial de relação, denominada de *Vínculo Compensatório*. Qualquer vivência de quebra com este vínculo é sentida e vivida com desespero e pânico, ocorrendo um retorno à dependência absoluta do *Primeiro Universo* da Matriz de Identidade, a indiferenciação.

A actividade mental, nesta hipótese, surge como uma manifestação inquietante e perturbadora, sendo a sua intensidade devido à falta de discriminação entre as áreas do Corpo-Mente-Ambiente, fazendo com que a activação das Marcas Mnémicas seja vivido como um facto que está realmente a ocorrer no presente. Os registos destas interações, caracterizadas geneticamente, integram-se ao *Núcleo do Eu*, constituindo a *Estrutura Básica da Personalidade*, estando nela incluída todos os núcleos de **PCI** e de áreas **POD**.

Posteriormente, através da aprendizagem social e seus registros, estas vivências primárias, ligadas aos papéis psicossomáticos, integram-se ao Eu e ao registro dos *Papéis Sociais* (Dias, 2006). O produto da integração progressiva e simultânea, assim como do desenvolvimento destes diversos factores permite a emergência de um Psiquismo Organizado.

Nesta lógica, os primeiros papéis desempenhados pelo indivíduo estão directamente relacionados com as funções fisiológicas fundamentais para a manutenção da vida (*Papéis Psicossomáticos*). O primeiro acto respiratório inaugura o primeiro papel, o papel de respirador. Concomitantemente, emergem os papéis de ingeridor, defecador e urinador. Estas funções, geneticamente programadas, não estão automatizadas ao nascer, surgindo a partir das primeiras experiências de interacção do indivíduo com o ambiente (Barbosa, Khouri, Machado, Rebouças, in Fleury, Khouri & Hug, 2008). Estas primeiras experiências permitem ao indivíduo vivenciar o corpo, sendo para isso necessário um **Ego-Auxiliar** que actue em coacção, co-existência e co-experiência. Este papel é inicialmente representado pela mãe/pai e pelo grupo social mais próximo - átomo familiar e sócio-afetivo - (Gonçalves, 1988).

Aceitando a ideia de que a psicopatologia tem a sua base nos primeiros anos de vida, podemos considerar que se trata de um tempo em que a formulação de palavras e conceitos ainda não são prevaletentes, sendo as imagens os objectos mentais principais (Barbosa, Khouri, Machado, Rebouças, in Fleury, Khouri & Hug, 2008).

Durante a estruturação do *Núcleo do Eu*, período da aquisição de actos, os hemisférios cerebrais funcionam de forma simétrica. A partir dos 2 anos aproximadamente, após o surgimento do Eu, ocorre a especialização do hemisfério esquerdo sob a influência do social. É o início da comunicação verbal e da aprendizagem de actos. O hemisfério direito, por sua vez, encontra-se ligado a vivências e memórias mais arcaicas, ou vivências que não puderam ser traduzidas para o hemisfério esquerdo, por não encontrarem os conceitos ou palavras correspondentes. Seus arquivos são constituídos por imagens e sensações corporais. Na idade adulta, estas vivências viscerais e pré-verbais tornam-se resistentes à mudança, sendo necessário a criação de um espaço transitivo, um encontro entre um cérebro dominante (esquerdo), que constrói narrativas e é a base da identidade declarativa, e o “outro cérebro” (direito), mais conectado à verdade do corpo, à memória emocional, às experiências precoces de vinculação e às experiências traumáticas, bem como à formação de imagens. Podemos pensar que o Inconsciente não será então apenas um depósito fluido de fantasias/desejos

reprimidos, mas antes (ou também) uma parte do EU que fisiologicamente se encontra, de facto, inacessível pela memória da palavra, mas acessível pela memória do corpo/sensação.

Retomando a linha associativa entre desenvolvimento infantil, desenvolvimento de papéis e vivências corporais, Freire (2000) explica-nos que estas sensações cinestésicas se vão organizando pela repetição e maturação dos sistema nervoso, delimitando-se em focos (locais) de sensação corporal, discriminando (ao longo do tempo) Continente e Conteúdo, o que é Seu (continente) e o que é o “Não-Si” (conteúdo), permitindo ao longo do tempo as primeiras diferenciações espacio-temporais. Assim, das respostas globais surgem respostas corporais mais locais, ficando cada vez mais claro o que é receptor e o que é estímulo. Os *Climas Afectivos*, por sua vez, facilitarão ou inibirão, com diferentes intensidades esse desenvolvimento, mas não o impedirão. Quando parte do modelo não se desenvolve, permanece uma sensação de falta, incompletude e vazio. Todo o indivíduo cujo desenvolvimento esteja incompleto passará então por uma perda parcial de sua Identidade Corporal, pois uma parte de si mesmo, embora exista, não é conhecida, nem explicada.

O **Eu**, que insere a Pessoa na estrutura social por meio dos papéis e vínculos desenvolvidos, é protegido por sua vez pelo *Si-Mesmo-Psicológico* (**SMP**), que é um espaço psicológico verificável fisicamente como uma área pericorporal, que nos rodeia e que é sentida como própria (Santos, 1997 cit por Freire, 2000). O **SMP** é o receptor das emoções, funcionando como um tipo de ampliador de estímulos que mantém o *Núcleo do Eu* em seu interior. Todo o estímulo do meio que passa pelo **SMP** desencadeia, para além de uma emoção-sensação, um determinado tipo de emoção de alerta. Assim, se esse estímulo for sentido como ameaçador ao Núcleo do Eu haverá uma expansão do **SMP**, na tentativa de o proteger. Essa expansão por sua vez ocasionará uma redução na margem de liberdade do indivíduo, por provocar uma conseqüente diminuição ou perda total dos seus papéis sociais. Este **SMP** é então encarado como uma barreira defensiva composta por vários mecanismo de defesa do Eu (Pio Abreu, 2002).

Os papéis que partem do Núcleo do Eu podem ou não, consoante o seu desenvolvimento, ultrapassar esta barreira (Pio Abreu, 2002). Se a ultrapassam contactam com o exterior, estabelecendo vínculos com os complementares, desenvolvendo-se. Caso isso não aconteça, esse vínculo não é possível e os papéis mantêm-se atrofiados e inibidos pelas defesas pessoais. Por outro lado, num ambiente relaxado as defesas “contraem-se”, deixando

em descoberto todos os papéis, incluindo os menos desenvolvidos, permitindo um contacto mais adequado, diversificado e autêntico com o meio. Assim, na falha dos mecanismos psicológicos de resolução diante de um problema, num estado de crise, ao ocorrer a expansão do **SMP** e a perda dos papéis sociais e psicodramáticos, resta um primitivo nível de resposta, o fisiológico, que diz respeito às representações corporais da angústia (Santos, 1997 cit por Freire, 2000). Nessa possibilidade, o Eu fica submerso no estado emocional e vê-se obrigado a recorrer às respostas de um *Papel Vicariante* (uso de um papel desenvolvido para responder de forma inadequada a uma determinada solicitação), recorrer a um *Funcionamento Esteriotipado* e artificial – um **Falso Papel** de execução dolorosa e patológica, desligado do Núcleo do Eu e formado a partir da carapaça defensiva do SMP -₂ com um comportamento social feito à custa do contexto que o rodeia e de suas próprias defesas (Pio Abreu, 2002), ou então remetendo-se a respostas cunhadas nos *Papéis Psicossomáticos*, facilitando o aparecimento de velhas fantasias e vivências (Freire, 2000).

Moreno (1960, cit por Blatner & Blatner,1996), para além destes Papéis Psicossomáticos fala-nos ainda dos *Papéis Sociais*, por intermédio dos quais o indivíduo se relaciona com o seu ambiente, que incluem papéis ocupacionais, classe económica, racial, sexual e familiares. O papel social é um conjunto de respostas de um indivíduo a um outro que responde assumindo um *Contrapapel* ou *Papel Complementar*. Assim, é através destes papéis complementares que se estabelece um vínculo/relação social (Moreno, 1983). Deste modo, o papel social é a forma real que o “Eu” assume em seu contacto com o meio, que contém as normas de conduta transmitidas pela sociedade e os elementos colectivos dos papéis. Desta forma, os conflitos ou perturbações no desempenho dos papéis sociais acontecem, em determinados momentos, como consequência da sobreposição de um dos elementos dos papéis, ou dos privados ou dos colectivos, sobre a personalidade.

Por sua vez, para que um papel social seja exercido, exigem-se várias actividades. Aguiar (1990, cit por Nery, 2003) denomina essas actividades como *Funções*, ou *Subpapéis*. Por exemplo, podemos citar o vínculo com a mãe, através do qual aprendemos, além dos papéis sociais de filho e de mãe, as funções de papéis de cuidador, de protector, de aconselhamento, entre outras. Assim, a natureza de um vínculo social pode prevalecer, em determinado momento, sobre a natureza do outro vínculo estabelecido, a partir do predomínio dos subpapéis do primeiro vínculo. Os subpapéis também podem ser denominados de papéis latentes e papéis paralelos.

Existem ainda os *Papéis Psicodramáticos*, que expressam a dimensão psicológica do Eu. São todos aqueles papéis que surgem da actividade criadora do indivíduo ou do seu mundo interno. Envolvem tanto os papéis preexistentes como aqueles da fantasia, já que o que os caracteriza é o aspecto criativo impresso neles e não o seu carácter em si. Esta categoria inclui também todos os aspectos de personagens existentes na nossa imaginação, as figuras ficcionais, pessoas que habitam nossas recordações/sonhos e todo o complexo de comportamentos e atitudes. Moreno observou que no curso do desenvolvimento normal a criança desempenha papéis psicodramáticos como modo de se preparar para os seus papéis sociais.

A partir deste ponto de vista, nossa personalidade é vista como o conjunto de papéis que se podem representar, assim como a atitude para assumir o papel adaptado à situação actual e às suas circunstâncias. Segundo Nery (2003) a relação dinâmica entre as categorias de papéis em nossa personalidade leva-nos a deduzir que os papéis sociais, por serem compostos pelas dimensões intra e inter-psíquica, operacionalizam a expressão da personalidade através dos vínculos e actualizam os papéis imaginários e os de fantasia, a partir do co-consciente e do co-inconsciente. Tudo isso repercute-se no entendimento dos fenómenos *Tele* e *Transferência*. Segundo esta autora, o *co-consciente* e o *co-inconsciente* são os conteúdos comuns conscientes e inconscientes, respectivamente, criados pelas pessoas nos vínculos. Os conteúdos comuns fornecem aos vínculos uma dinâmica própria.

Nesse sentido, os papéis imaginários, pertinentes à dimensão intrapsíquica e diferenciados pelo grau de consciência, podem ser actuados em qualquer vínculo ou contexto, bloqueando ou facilitando a co-criação. Nery diz-nos ainda que nos estados co-consciente e co-inconsciente, o fenómeno da transferência, que tem origem no mundo interno da pessoa, ocorre paralelamente ao fenómeno *Tele*. Este tem origem no campo sociométrico, ou seja, o campo das escolhas para complementaridade de papéis, viabilizadas pela afectividade, pelo perceptivo, pelos projectos dramáticos comuns e pelo encontro das espontaneidades. Refere-se à correcta percepção, em duplo sentido, da experiência relacional entre duas ou mais pessoas (Fonseca, 2000). A *Transferência*, por seu lado, situa-se na relação em que pelo menos um de seus componentes apresenta uma percepção distorcida do Outro. Isto acontece pela projecção do mundo interno de um dos elementos sobre o Outro (Fonseca, 2000). A *Tele* influencia directamente na percepção do Outro, na apreensão do Mundo e, conseqüentemente, na formação da Identidade (Gonçalves, 1988).

A *Pessoa*, ao entrar em relação com as pessoas e com o mundo, pode agir de uma forma estereotipada e crystalizada, presa às expectativas sócio-culturais, em seus desempenhos de papel (Féó in Ricotta, 1990), ou, por outro lado, exibir uma forma de relação mais sintónica, criativa/original e adequada com o momento, dando respostas novas a situações novas, ou mesmo a antigas. Desta forma a Pessoa estaria sendo *Espontânea*. Féó defende que no momento actual, a Sociedade estimula a memória e a inteligência, valorizando-se principalmente tudo o que já foi criado, as *Conservas Culturais*. Moreno incita e propõe à Sociedade o resgate da *Espontaneidade*.

Na lógica do que foi escrito acima, e tendo em conta que o discurso verbal é limitado, ordenado e tem uma forma culturalmente imposta (o que facilita a censura), podemos pensar que, através do *Psicodrama*, as sensações e imagens armazenadas no *Hemisfério Direito* (memórias afectivas) podem ser mais facilmente acedidas por meio das dramatizações e das metáforas corporais (Fleury, Khouri & Hug, 2008). Dessa forma, o palco psicodramático é muito semelhante ao espaço potencial de Winnicott (1917 cit por Fleury, Khouri & Hug, 2008), caracterizado por um espaço de criação, onde no aqui agora, a vivência dramatizada da fantasia e o acesso à realidade criam as condições para que o insight possa ocorrer.

METODOLOGIA: “Cenário Dramático”

2.1 - OBJECTIVO E SUJEITO

O objectivo deste trabalho de investigação centra-se na análise de um estudo de caso à luz da Teoria Psicodramática, visto que escasseiam estudos desta natureza no mundo do Psicodrama. Assim, esta investigação incide sobre o processo de construção da Identidade de uma jovem adulta com orientação homossexual sob o ponto de vista psíquico, relacional e somático inter-relacionados.

Baseando-nos em contactos com sujeitos que se tinham mostrado disponíveis para participar num outro estudo ligado à área da sexualidade, e através do efeito “bola de neve”, foi feito o contacto com Sofia, que se mostrou disponível a participar neste estudo. A análise do caso foi efectuada com base em oito entrevistas clínicas não directivas, realizadas entre Maio e Junho de 2005, com periodicidade de uma vez por semana. Após assegurada a completa confidencialidade e anonimato de qualquer tipo de dado identificativo, a autorização para a transcrição das mesmas foi dada, pelo que foram posteriormente transcritas para o papel.

2.2 – PROCESSO METODOLÓGICO

Este tipo de estudos visam habitualmente a observação de fenómenos pouco comuns mas ricos ou importantes do ponto de vista de informação contida, de modo a questionar uma dada teoria, contrapor ideias, explorar uma hipótese ou uma metodologia de análise (Yin, 2001). Segundo Leal (2004), este método é considerado como a metodologia nobre da clínica psicológica, visto que as exigências que um estudo de caso faz em relação ao intelecto, ao Ego e às emoções do sujeito são bastante superiores do que qualquer outro tipo de pesquisa, permitindo uma interacção entre questões teóricas que estão sendo estudadas e os dados que estão sendo colectados (Yin, 2001).

A *entrevista clínica* visa compreender o funcionamento psicológico do sujeito, centrando-se sobre o seu vivido e acentuando a relação (Bénony & Chahraoui, 2002). Este método visa recolher o máximo de informações sobre o sujeito, contudo, essas informações

não podem ser compreendidas senão em referência ao próprio sujeito, tanto a nível de história pessoal, como da forma como gere as emoções, as relações com os outros, seus sonhos e fantasmas (Gabbard, 1994). Wiloher (1998, cit. por Bénony & Chahraoui, 2002) fala de “*co-pensamentos*”, ou seja, aquilo que ocupa o pensamento (e afecto) do entrevistado, ocupa também o do entrevistador, engendrando inferências e associações. Para lá da técnica da entrevista, que configura a forma como os diálogos se passam em cada sessão, a própria relação estabelecida entre duas pessoas vai ter como resultado um conjunto de fenómenos que são valorizados por algumas escolas científicas, como por exemplo a *transferência* (Leal, 2004), que Gabbard (2005) explica como sendo uma repetição de sentimentos associados com uma figura do passado, reactivados na entrevista com o clínico, assim como a *contratransferência*, ou seja, o conjunto das reacções inconscientes do entrevistador perante o seu interlocutor, e mais particularmente à sua transferência (Bénony & Chahraoui, 2002). Gabbard (2005) defende que a recolha da história pessoal na entrevista deve envolver duas posições simultâneas: o clínico deve manter um estilo flexível de entrevista, que varie desde uma busca estruturada de fatos específicos, até uma postura não-estruturada, de escuta e fluxo natural dos processos de pensamento do entrevistado.

Neste sentido, *entrevista não directiva* foi considerada a mais indicada para servir de instrumento neste estudo de caso. Assim, o entrevistador poderá analisar este tipo de entrevista em *função do conteúdo manifesto* (o que o sujeito diz) mas também em *função do conteúdo latente* (representações e significados inconscientes, por vezes implícitos associados ao discurso). Após vários minutos de questões abertas, destinadas a facilitar o livre fluxo da história do entrevistado e das questões familiares e evolutivas, o clínico pode então preencher as lacunas com questões mais directas e específicas.

Neste trabalho falamos da Teoria Psicodramática, cujo objecto de pesquisa são as relações (Monteiro, Merengue & Brito, 2006). Assim, a pesquisa é feita sobre o *Imaginário*, ou seja, como a Pessoa supõe, inventa e (re)cria essas relações dentro de si. Quebra-se, desta forma, a separação entre interno e externo, o objectivo e o subjectivo, o real e o imaginário. Trabalhamos, então, num *Espaço Intersubjectivo* que incide sobre as relações objectivas e/ou imaginárias do indivíduo consigo mesmo, com o Grupo/Átomo Social. O *Aquecimento* (primeira fase), voltado para a busca de dados para a pesquisa, não difere tecnicamente daquele utilizado em dramatizações com outros fins, mas obviamente temos um *Foco* (pesquisa biográfica), um interesse (Monteiro, Merengue & Brito, 2006). Prepara-se a Pessoa

para a pesquisa (actor de sua própria história), estimulando o aquecimento para papéis específicos (autora de sua história). A **Dramatização** (segunda fase) precisa, por sua vez, de uma demarcação do contexto psicodramático (lugar onde ocorrerá a cena-entrevista), uma clara distinção de papéis (entrevistado e entrevistador) e do cenário (setting). A **Produção Cénica/ Cena** é a imersão de todos os envolvidos naquela pesquisa, “não se controla” o carácter da dramatização à medida que vamos entrando no **Universo do Imaginário**, ou **Núcleo Relacional**. Terminada a **Dramatização**, que no contexto deste nosso trabalho remete para uma forma mais verbal, que vai decorrendo no Palco da Entrevista, partimos então para o **Comentário** (terceira fase), onde se partilhará os sentimentos vivenciados, criticando e discutindo o material surgido.

DISCUSSÃO DO CASO : “Dramatização no Palco do Imaginário”

No ambiente de *Semi-Directividade da Entrevista* é evocada a falta de estrutura rígida da “conserva cultural”, dificultando a resposta social. Nesse ambiente afectivo descrito por Sofia como: “...*estranho...*” –, questiona-nos, ao ser-lhe pedido para falar de si: “*Como pessoa? Interessa-te?*” –, reflectindo a dúvida sobre se ela, como pessoa, interessa ao outro.

Ao longo das entrevistas parece mostrar que não sabe muito bem quem é, afirmando que: “*Estou numa fase de reestruturação*”. A sua biografia faz-nos pensar na procura idealizada de equilíbrio, que se desenrola entre a busca pela Autonomia e Liberdade de *Ser* ela própria, sem imposições e o debater-se contra a Submissão e Dependência, que é sentida como um corte de parte de Si.

Após alguma indecisão devido a sentir que: “...*É preciso muita responsabilidade e conhecermo-nos muito bem para nos darmos um nome...*”, – escolhe o nome de *Sofia* para este trabalho, nome cheio de significado, que nos remete para a sua luta, da luta de Sofia para atingir *Sophia*, que nos diz que: “...*quer dizer muitos conhecimentos...*”, – e libertar-se, através do entendimento, de Sofia sua mãe. Nesta confusão de nomes destaca-se a confusão de identidades.

Sofia é uma jovem adulta de 21 anos, com um passado descrito por ela como “complicado”. Nasceu em Portugal continental e foi nessa mesma altura com sua mãe para Espanha, onde foi registada com o nome da mesma, escolhido por seu pai. Permaneceu em Espanha um ano e voltou para Portugal (Açores), onde viveu até aos 7 anos. Com essa idade voltou para o continente, onde nos diz: “*mudei mais vezes de casa do que a idade que tenho*” –, afirmação real. Nunca conheceu o pai, a não ser através de uma fotografia dada pela mãe.

Sofia apresenta-se como uma jovem mulher de roupa neutra (nem demasiado masculina nem demasiado feminina), de olhos azuis brilhantes, cabelos escuros compridos e cheia de base no rosto para esconder alguma acne, simpática mas distante. Durante o período das entrevistas encontrava-se a trabalhar numa loja de roupa que descreve como tendo “um espírito jovem”, com o qual se identifica. Trabalhou nessa loja desde os seus 18 anos. Vive actualmente com a Sara, maquilhadora de 33 anos, em Lisboa. Na sua infância viveu alternadamente com a mãe, madrinha, tios e com algumas namoradas da mãe. Contudo,

sempre demonstrou a insatisfação de não viver numa casa que sentisse como sua. Nasceu numa família envolta em segredos. Seu avô materno é descrito como alcoólico que gostava de levar “rapazinhos para casa”. A avó materna revela-se como mãe abandonada que fugiu de casa com outro homem, deixando a filha de 13 anos com o pai. Aos 13 anos Sofia (filha) refere que começa a ter sintomas daquilo que se viria a concluir mais tarde tratar-se de artrite reumatóide. Durante 5 anos mãe e madrinha menosprezaram as suas queixas/sintomas e aos 18 anos ela própria decide ir ao Reumatologista que lhe dá esse diagnóstico. Inicia um tratamento que interrompe pouco tempo porque afirma que os medicamentos têm muitos efeitos negativos. Diz que convive com a dor física da doença da mesma forma que com a fome, por vezes esquece-se dela.

Começa por nos contar que: *“estou a estudar... a ver o que vou fazer neste momento, estou a pôr a cabeça em ordem... a ... a projectar o meu futuro ... ”*. Este seu comentário faz-nos remeter para um sentimento de incerteza em relação a quem ela própria é, um sentimento antigo com o qual convive diariamente.

Em sucessivas entrevistas, onde a única característica que se destaca como constante na sua vida é a própria inconstância, conta-nos que aos 10 anos de idade sofre o primeiro grande abandono, ao ser deixada na casa de sua madrinha por uns tempos (3 anos), um espaço que não sentia ser o seu. Aos 13 anos sofre o segundo abandono, tendo sido colocada fora de casa pela mãe, Sofia é "cordialmente" convidada a sair desta vez da casa da madrinha: *"[...] a minha madrinha começou-se a cansar da minha presença lá em casa [...] disse que se calhar era melhor não falarmos tanto... que me iria dar equilíbrio...[...] ... entretanto encontrou uma pessoa... [...] então o espaço que eu estava a preencher já não era necessário [...]"*. Com essa idade, é forçada a viver num ambiente hostil, onde a própria mãe é, segundo ela: *"...obrigada a aceitar-me..."* - e no qual tinha de partilhar o seu espaço com Dalila, namorada de sua mãe, uma mulher desequilibrada que dava estabilidade financeira a sua mãe: *"[...] essa pessoa agrediu-me fisicamente... [...] ela tapou-me a boca... e eu comecei a deitar sangue, porque não conseguia respirar... [...]... a minha mãe ficou muito confusa [...] e as coisas ficaram e continuaram sempre [não houve mudança] ... e eu acabei por nunca desculpar a minha mãe de não o ter feito...[por nunca ter intervindo]"*.

Neste Ambiente de impotência extrema, Sofia relata ter começado a sofrer daquilo que alguns anos mais tarde lhe seria diagnosticado como artrite reumatóide. Aos 18 anos sofre um

terceiro abandono, ao ser deixada a viver com uma ex-namorada de sua madrinha, enquanto sua mãe ia para Londres trabalhar durante "uns tempos". Nesta época, Sofia diz-nos que: "*lutava pela minha identid... liberdade*" –, associando a identidade e liberdade. Evocando a ideia de que junto/ligado ao Outro é incapaz de se ver enquanto Eu, enquanto ela própria. No entanto, esta procura de autonomia é pautada pela falta de uma base identitária sólida, visto carecer de algo que preencha as falhas primárias, vivendo ainda estruturada através do ritmo e identidade externa, do Outro.

Ao falar na "liberdade a mais", diz-nos: "*Eu acho que nunca és uma pessoa livre... a ... tens sempre coisas que te condicionam... a ... e a liberdade a mais não existe... não é? Aquilo que às vezes se passa é que as pessoas não são conscientes [...]*". Fala da liberdade que não pode ter e os condicionamentos da sua espontaneidade, presa pelas **conservas culturais**: "*... as palavras limitam muito as situações... as palavras são muito objectivas enquanto que aquilo que tu és é muito subjectivo*". Não há palavras para se descrever. Neste sentido, Sofia diz-nos também que perder a calma é: "*...perder a voz...*" – e ficar: "*...vermelha...*" –, uma incapacidade em traduzir aquilo que está a sentir, uma raiva que apenas se expressa pelo **Corpo**, um sentimento que não é plenamente sentido porque não é completamente compreendido. Perder o controle é também: "*ser imatura*" –, um regressar à infância, algo que Sofia aparenta querer ultrapassar, embora sem sucesso. Ao expandir o seu limiar de tensão os papéis mais adultos ficam encobertos, sem utilidade, porque não permitem uma resposta saudável e efectiva aos sentimentos intensos. Consequentemente, os papéis sociais sobrepõem-se à angústia não pensada, numa hipervalorização da conserva cultural em relação ao emergente angustiante do seu **Núcleo do Eu**, que se procura proteger do afecto intenso.

Ao descrever-nos os seus gostos mostra dificuldade em ser específica: "*Tudo no geral*". Os gostos parecem não ser definidos pela satisfação que lhe trazem, surgindo numa dupla vertente. Por um lado a imposição do outro, por outro a auto-imposição: "*... gostar é fácil, é uma coisa que se ensina, ou que se aprende a gostar*" – uma colagem ao estereótipo e ao funcionamento exterior (ao **Social**). Este funcionamento rígido, colado à norma, parece reflectir a maneira como Sofia encara a vida. Nesta lógica, afirma que a roupa influencia o seu humor e, dessa maneira: "*Se me sentir bem com a roupa com que estou sou mais natural, sou mais eu, estou mais à vontade... estou mais confiante...*".

Sendo frágil este limite entre o **Corpo** próprio e o **Ambiente** (Outros), a roupa parece surgir como que em reforço desse limite, uma separação que impede o contacto com as vivências psicossomáticas próprias subjectivas, colando-se ao social (ao Outro e à sua regra): “*Há dias em que não me visto para mim, visto-me para os outros... não é? [...]*”. Diz-nos também que: “[...] ... *Neste momento não sei bem aquilo que eu quero vestir... talvez porque eu também não saiba muito bem aquilo que eu quero...*” -, mostrando que possui alguma capacidade consciente de sentir vislumbres desta confusão primária.

Descreve a roupa como **discreta** e **sóbria** (uma imagem que ecoa e é sentida na entrevista como desafectivada e defensiva). Roupa, Corpo e Sensações, conceitos que se confundem no seu diálogo. Tudo funciona como se, sem a roupa, Sofia desaparecesse enquanto Pessoa. A indecisão e confusão quanto à imagem surge-nos na afirmação de que : “*[...] sou capaz de mudar de roupa três vezes [...] porque sou muito indecisa [...] isso não acontece todos os dias... há dias em que acordo e que já sei o que quero, ou aquilo que não quero...*” -, a oscilação entre aquilo que sente falta de ter e aquilo que não entende como conseguir, uma **identidade**.

Instala-se, então, o **Modelo Relacional** privilegiado, onde o Corpo deixa de ser mediador entre Afecto e Pensamento, passando a Conserva Cultural a funcionar como Papel Principal de conduta e relacionamento interpessoal. Assim, o social e as relações com o Outro tornam-se um objecto para suprir as faltas afectivo-relacionais que não a permitiram conhecer-se: “*Porque quando tu estás a ajudar os outros [como coordenadora de um grupo de jovens] é uma atitude muito egoísta... entendes?... porque aquilo que se vê é uma pessoa que está disposta a ajudar, não é?[...] ... mas no fundo... tu estás a ... a utilizar alguém para te fazer sentir bem... não é? A ... e depois é óbvio que encontras um equilíbrio entre as duas partes.... entre a atitude egoísta e o acto benemérito, não é? [...]*”.

À dificuldade em “nomear-se” junta-se à incapacidade de tomar para si um tempo próprio. Desta forma, o “temporalizar-se” surge-nos como algo que parece carecer de **método** (organizado a partir de um referencial externo) e **responsabilidade** (associada à falta de capacidade que sente ter para criar um tempo subjectivo/único): “*Limita-te [a falta de um horário fixo] porque precisas de uma rotina para conseguires dormir como deve ser... para conseguires comer como deve ser e isso limita-me um bocadinho... [...] é uma coisa que eu*

ainda não consegui, ainda não tenho conhecimento suficiente acerca de mim para conseguir lidar comigo a nível de... tarefas [...]”.

Ao longo das entrevistas são bem visíveis as consequências da ***falha na relação com o seu Ego Auxiliar Primário*** (Mãe), alguém descrito como independente, incapaz de se ligar: “...*completamente instável [...] desequilibrada... [...]*” –, alcoólica e abandonica, que não parecia importar-se com as necessidades de sua filha: “... *uma pessoa que não se consegue entregar... [...]*”. Ou seja, alguém que não se mostra presente, disponível e que é incapaz de “ler” as necessidades de Sofia: “[...] *a minha mãe foi para Londres [...] não teve tempo de escolher uma prenda para mim, e isso irrita-me... [...] eu preciso que ela escolha uma coisa para mim, entendes?... [...] Eu perdi a minha mãe de determinada maneira... [...] Eu não me lembro de nada de bom... que a minha mãe me traga... ... a não ser pelo facto de ela existir e eu achar que pronto... tenho mãe! [...] ... se eu me entregar muito à minha mãe... [ela] vai-me bater em qualquer sítio... vai carregar numa tecla que eu não quero... [...] ... aquilo que acontece é que não existe equilíbrio... eu tomo conta da minha mãe mas a minha mãe era incapaz de tomar conta de mim... [...]*”.

De modo a proteger-se das angústias abandonicas, Sofia parece ter criado uma concepção de ***relação perfeita***, com um significado muito próprio (defensivo), que descreve como uma *relação equilibrada* onde o afecto é desligado de quem o sente. Assim sendo, aquele que dá afecto não daria nada de si. Esta relação equilibrada (irreal) torna-se, assim, uma relação desequilibrada (real), onde **Corpo** (afecto) e **Mente** (pensamento, consciência) estão desligados da acção (**Ambiente** externo).

Diz-nos: “[...] *no grupo jovem [...] não me podiam conhecer enquanto Eu, mas enquanto coordenadora do grupo [...] ..., para mim é a relação perfeita... tu dás.... tudo aquilo que tu tens, mas não estás à espera de nada em troca, nem queres nada... não é? Porque te entregas, porque não estás a dar nada... não estás a entregar.... estás a entregar um afecto mas não estás a entregar a ti... [...]*... *tu não precisas de nada... estás bem.... equilibrado... não precisas que aquela pessoa te dê nada.... não é?... e... aí gera-se uma relação diferente, tu acabas por conseguir alcançar outras coisas... [...]*”.

Ao diferenciar-se do seu própria afecto, Sofia faz-nos pensar no investimento no limite entre o Eu e o Outro, uma protecção contra a despersonalização e confusão com seus **Egos**

Primários (mãe e madrinha). No entanto, admite: “*Por muito que tu observes depois sentes a necessidade de experimentar as coisas... e são coisas que são... um bocadinho diferentes... e para se observar é preciso não experimentar e olhar de longe [...] têm de se equilibrar as duas... [...]*”... *porque o não observar aí estás a deixar uma parte da tua vida de longe, não é? E depois constrói-se um vazio... assim como se tu intervires muito e acabares por não ter uma visão global daquilo que se está a passar, tu perdes... ganhas um vazio diferente...*” - Fazendo-nos pensar no **impasse** em que vive, à procura de um equilíbrio que não encontra. Embora sinta como “estranho”, ao observar sente necessidade de imitar o papel complementar (*Role Taking*), desempenhando papéis que não entende, por simetria.

Assim, Sofia diz-nos: “*Eu ponho tudo em causa [...] já é uma maneira de ser [...] eu normalmente ponho tudo em causa [...]*”. A dúvida sobre si fá-la procurar trocar de papel com os indivíduos do seu **Átomo Social**, procurando entender-se a si própria e entender o Outro, que não reconhece as suas necessidades. Diz-nos, então, que gosta de observar o Mundo através de diversas perspectivas. Ao ser-lhe perguntado se isso lhe trazia alguma sensação de controlo, responde-nos: “*As várias perspectivas? Não... às vezes dão-te... dão-te uma sensação de insegurança... quando tu tens de tomar uma decisão e todas as situações possíveis são válidas... e que tu ainda não chegaste a um ponto em que percebeste qual das situações é que é na realidade [...]*”. No entanto, numa outra entrevista Sofia nega que a tentativa de “tomar novas perspectivas” seja algo que a prejudique: “[...] *eu não acho que me prejudique... é uma maneira de ser...*” -, dando-nos conta do seu (frequente) “vai-e-vem” do desejo e da defesa, da tomada de consciência e do recalçamento afectivo e inconsciente.

Seguindo esta lógica, Sofia diz-nos que: “[...] *sabes que nem sempre é bom... compreender a perspectiva do outro [inversão de papel], porque tu tens sempre a capacidade de o desculpar, porque o compreendes... a ... por isso nesse ponto não é construtivo [...] tem a ver com uma questão de hábito... eu já não consigo deixar de fazer [...] e tu compreenderes isso faz-te... faz-te ter uma atitude um bocadinho diferente e abdicares um bocadinho dos teus valores e respeitares a perspectiva da outra pessoa... não é?*” - **Esquema de relação** que se torna **palavra**: “*Tu sabes [...] faz-TE [...] TU compreendes [...] Teus valores [...] ...*”. O “TU” preenche o diálogo, associado às frequentes divagações, precauções verbais e intelectualizações, reflectindo a indecisão do que é do “EU” e o que é do “TU”. Assim, a **Troca de papel** torna-se algo **compulsivo**, pela necessidade de entender o Outro, mas **insuportável**, porque nela Sofia acaba por perder-se. O espaço fica habitado, tal como no

diálogo, da relação “TU-TU”, não parecendo haver espaço físico, mental, afectivo para o EU: “...eu acho que nunca nos pomos no lugar do outro... porque se nos puséssemos no lugar do outro deixávamos de o ver... não é?...”. Por outro lado, Sofia parece reflectir também a impossibilidade de sentir que o Outro é capaz de trocar de papel com ela, de a entender e perceber as suas necessidades: " [Sofia sente-se chocada por...] não consegues entrar na realidade dos outros... entendes? [...] e as pessoas não se conseguem ver a elas próprias [...]... e tu não consegues fazer... demonstrar a essa pessoa que ela está errada...[...] sinto-me impotente... quando eu acredito que posso mudar as pessoas... sim, impotente... é desagradável... causa-me algum transtorno e angústia...". O simbolismo entre os dois reconhecimentos (“Eu” e “Tu”) pouco seguros, incertos e que parecem provocar horror.

Somando-se a estes **vínculos primários patológicos**, a sua vida relacional foi compassada por companheiras (de sua mãe) que se tornam rivais agressivas. Sofia parece colocar-se e ser colocada numa constante alternância entre ser disputada e o disputar por alguém, uma **Triangulação Afectiva Patológica** (reflexo da dificuldade na quebra da relação primária) que parece desdobrar-se ao longo da sua vida. À falta de um pai e mãe sentidos como figuras seguras de identificação, Sofia volta-se para a sua madrinha, no entanto, esta figura revela-se como alguém instável e abandonico, com relacionamentos amorosos desequilibrados/perversos: "[...] e isso dá-te equilíbrio... [...] ... não há nada que a faça ir a baixo, não é?... isso é bom, é óbvio que é bom... há é determinadas alturas em que tu precisas que a pessoa reaja... não é?... tipo... estás viva...?". Sofia torna-se então um objecto de troca entre estas duas personagens (mãe-madrinha), um **objecto narcísico** que serve como extensão e engrandecimento narcísico: “... eu estava ali no meio [entre a sua mãe e madrinha] a pensar que ninguém respeitava a minha vontade... [...] era como se fosse um... um objecto... em que a posse desse objecto era uma mais valia... entendes?”.

A falta de uma figura parental masculina, facilitadora de uma eventual resolução do conflito, pela quebra do laço exclusivo Mãe-Criança (**interpolação de resistência**), parece impedir, assim, a diferenciação e distância afectiva em relação ao seu **Átomo Social Patológico**. Diz-nos que: “Isso é uma fase da minha vida por aberto, por esclarecer, ou por... ainda com... com um circuito para ser feito [...]”. Nesta **Rede Sociométrica Vincular**, predominantemente **Feminina**, a diferença entre Géneros torna-se confusa. Assim, ser-se masculino e feminino: “...não tem grandes diferenças...”, sendo que a única coisa que realmente os distingue é o cérebro físico (objectivo e concreto), uma diferença que pode ser

anulada pelo esforço de tentar encontrar um espaço intermédio entre um modelo que não a seduz (feminino, mãe) e um que não conheceu (masculino, pai): “[...] *aquilo que muda é a aparência... [...] ... a nível psicológico e a nível de sentimentos somos basicamente iguais, não é? [...] o masculino é muito subjectivo [...] ser-se masculino é não se ser afeminado... [...]... tem mais a ver com a maneira de estar do que qualquer outra coisa [...]*”. O **Masculino** surge então apenas como contraponto do feminino. Diz-nos associar o feminino ao elegante e ao frágil. Por um lado a fragilidade real (sentida) de si própria enquanto mulher, uma “*figura que não se segura lá muito bem*”. Por outro, uma imagem de *elegância* ilusória, um **Ego Ideal feminino** que representa um ideal narcísico onnipotente, onde a arrogância/agressividade serve como defesa contra a intromissão (sentida como perigosa) do outro, do masculino.

Actualmente Sofia vive com Sara, sua companheira, que é descrita como tendo algumas das características principais de sua mãe: **independente** (não disponível) e **introvertida/fechada**. Contudo, este viver com alguém reactiva em si algo da ordem do assustador e confuso: “[...] *viver com uma pessoa... é muito complicado... porque tens tu tens de mudar... a tua maneira de estar, a tua maneira de ser, não de forma radical mas... de uma forma subjectiva [...] se me mudarem no emprego para uma categoria diferente eu adapto-me muito bem... [...]*”. A sua tentativa de **autonomia** parece sair frustrada, pois permanece ainda uma **Plateia Interna** (Soeiro, 1990) inibidora que a impede de conhecer partes de si ainda indecifráveis.

CONCLUSÃO: Comentários

Sofia cresceu e viveu num mundo de adultos que não entendia (nem entende) e que não se apresentou como um *Ambiente Afectivo Facilitador* (Dias, 2006), que lhe teria possibilitado conhecer a separação entre seu mundo de compreensão subjectivo (fantasia onipotente) e o mundo real (objectivo e inter-relacional) e que lhe teria permitido sentir que influenciava o mundo, que era importante e valorizada, enfim, que era uma *Pessoa*, que era amada e não apenas um *Objecto* de troca.

A impossibilidade de um *Clima Afectivo Seguro* e o reconhecer com o outro (*Ego Auxiliar Primário*, sua Mãe) o Corpo Próprio, tornou difícil a passagem da sensação de fragmentação à sensação de unidade, ou seja, da consciência e reconhecimento de suas *Sensações/Afectos* (Corpo), mediadas pela *Percepção* (perceber o Ambiente Interno - Eu; e o Externo - Tu), ao *Pensamento* (Mente) e ao nome (Dias, 2006). O falar e o nomear (*Mente* – Entendimento – Sentido), caminhos para o pensamento e afecto inconscientes (*Corpo* – Sentir – Emoção), encontram-se assim bloqueados. Sofia demonstra dificuldade em pensar sobre tudo o que remete para o campo afectivo, ficando presa a uma vida operacional e vazia em termos relacionais (*Ambiente* – Relação Externo/Interno). Desta forma é negada a parte desconhecida e silenciosa (sem palavras) do seu “Eu”.

Sofia mostra-nos que vive num *Ambiente* (externo) que não a preenche e satisfaz, que não a reconhece e que não a torna uma no “momento presente”. Um *Ambiente* que não permite a constituição saudável de limites entre aquilo que é Externo (que vem do exterior para o interior) e aquilo que é Interno (que pode ser objecto de relação com Outros), impedindo-a de estabelecer a diferença entre *Ser Autora* ou adoptar algo que é da *Autoria de Outro*. A vida psíquica de Sofia fica, então, reduzida ao consciente e às regras adaptativas. Nas porosidades entre as áreas do **Ambiente-Corpo-Pensamento** vão sendo colocados excertos de Outros (Imitação-*Role Taking*). Isto se dá pela incapacidade de preencher essas áreas com vivências suas, que não é capaz de elaborar, impedindo o *jogar/brincar* papéis diferentes (*Role Playing*) e reforçando a resposta patológica repetitiva.

A dificuldade de organização destes *Papéis Psicossomáticos* num *Núcleo do Eu* bem delimitado parece ter influenciado por sua vez a constituição dos seus *Papéis Sociais* e seus vínculos (Nery, 2003). A imposição externa relacional-biológica transpõe-se assim para a sua

vida interpessoal-social, impondo-se a si própria papéis aprendidos-colados do exterior, tal como lhe impuseram a ela ao longo da sua vida papéis descolados das suas vivências corporais. A dificuldade em entender-se fá-la tornar-se indecisa quanto à imagem que quer transmitir. Desta maneira Sofia sente-se despida de si, usando o *Vínculo Compensatório* da roupa, que parece reforçar a sua integridade pessoal, o seu Eu. Surge, então, a sensação/falha básica de incompletude, de carência e de confusão caótica, vinculadas ao seu Núcleo do Eu.

Nas erupções deste seu mundo interno (sonhos) surgem figuras ligadas a esses núcleos de PCI, ligados a *Egos Auxiliares Primários Patológicos* (Freire, 2000) que “assustam” e que provocam confusão entre o Reconhecimento do “**Eu**” e do “**Tu**”. Este Ambiente, que menospreza suas necessidades físicas, fê-la distanciar-se da experiência física, aprendendo a usar uma aparência de atitudes/conduas não autênticas, desligados do seu *Eu* e ligado ao *Grupo Social (Falsos Papéis)*, que se prolongaram pela sua vida até aos dias de hoje (Gomez, 2005). Assim, a privação de um papel próprio resultou aos poucos num empobrecimento de seu Eu, à limitação da sua *Espontaneidade* e à decorrente vivência patológica na *Conserva Cultural* (Blatner & Blatner, 1996). A *Conserva Cultural* torna-se então o seu *Modo Relacional* predominante. A busca por palavras cada vez mais complexas, cada vez com mais significado e cada vez mais associadas com adultos, reflecte esta procura de sentido, de entender o que se passava à sua volta e este "amor entre iguais" (homossexual).

Ao (sobre)viver a sucessivos *vínculos* traumáticos, entre *papéis* ligados à dependência primária infantil (“a” cuidada) e *papéis complementares* (de cuidador) que apenas surgem quando Sofia funciona em espelho narcísico, aparecendo como extensão do Outro (sua mãe), toda a interacção se torna angustiante e insuportável. Assim, surge-nos uma cristalização de condutas que visam apagar o conflito e a diferença, procurando (1) *anular a necessidade do Papel Complementar* e dessa forma caindo num vazio, pois sem complementar (Outro) não existe papel (Eu). Por outro lado, procura apagar o sofrimento, ao (2) *Inverter Papéis* de forma patológica com o Outro, vivendo apenas como seu complementar (de necessidade de ser cuidada, passa a cuidadora), caindo na indiferenciação de um vínculo simbiótico, deixando de existir enquanto Pessoa com necessidades relacionais-biológicas. Esses dois pontos que referimos atrás são as características dos vínculos interpessoais, que Sofia caracteriza como a “*Relação Perfeita*”.

Neste *Ambiente*, Sofia dá mostras de uma permanentemente *Si-Mesmo-Psicológico* em expansão, que encobre a maioria dos papéis/resposta, usando o *Vínculo Compensatório* do Social-Banal e desinvestindo do *Papel Complementar Patológico* (Bustos, 2005) para evitar a vivência do *Impasse Relacional e Identitário* (vivência de impotência extrema, tal como vivido no 1º Universo da Matriz de Identidade - PCI), onde as fronteiras entre *Ambiente* (Externo-Interno), *Corpo* (Afectos e Sensações Desconhecidas) e *Mente* (Criação de Sentidos) se encontram mal definidas e abertas e onde o *Núcleo do Eu* se encontra desestruturado. A capacidade de *Trocar de Papéis* (Eu-Tu, Tu-Eu) com o Outro surge, então, como algo ainda não estruturado, como uma *Identidade Parcial Desintegrada*, uma dificuldade de *Reconhecimento do Eu* quando confrontada com um “*Tu*” (Outro).

Nesta *Rede Sociométrica*, o *Feminino* impera e a *Figura Masculina* torna-se sinónimo de abandono (pai), agressividade e castração. Estas *Identificações Precoces*, por sua vez, resultantes da hostilidade em relação a esta mãe apelidada de *irresponsável* e *abandonica*, interferiram com sua visão de uma mãe/mulher ideal, assim como com o prazer de se identificar com esta e com a feminilidade que esta representava, uma relação ambivalente que se reflectiu na visão ambivalente de se ser feminina. Assim, as necessidades primárias (não satisfeitas) de criação de um *Papel Sexual e Sexualizante*, que permitisse uma reflexão própria, foram também frustradas. É uma *Identificação por Aprendizagem Directa*, em Espelho do Outro, um reconhecimento incompleto e colado do seu *Eu Sexual* (Fonseca, 2000).

Por outro lado, podemos pensar que a dificuldade de ter experimentado papéis complementares masculinos continentais parece ter impedido uma integração dos pólos masculino-feminino saudável, dificultando a sua visão de um mundo com sexos/géneros. Na adolescência a identidade e o *papel de género* é revisto e finalizado, procurando-se encontrar novas maneiras de interagir com os outros, especialmente com potenciais parceiros, através de uma variedade de papéis sociais e educacionais que podem ser aprendidos e incluídos nas identificações de papel de género (Fonseca, 2000). Este *papel social*, construído sobre as interacções subtis entre os pais e a criança, são, neste caso, vivenciados como caóticos, identificando o papel-relacional da mãe enquanto “igual” para qualquer um dos sexos/géneros. Neste sentido pensamos o reforço da imagem (corpo, cérebro) e a “*maneira de estar e roupa*” como uma procura de *insígnias sexuais* indicativas da diferença entre sexos/géneros (*Tu Sexual*) baseada em estereótipos e regras sociais, visto que a identificação

mais primária parece não ter sido realmente consolidada. Neste sentido, a ausência da *Triangulação* (Eu-Ele-Tu) parece ter dificultado a des-simbiotização, impedindo a entrada de outros neste *Reconhecimento Sexual*.

. O cansaço físico das entrevistas iniciais (entrevistador-entrevistada) parece espelhar aquilo que Sofia transmitia, um mundo “cansado” de ser visto através dos olhos da objectividade, do concreto. Em vez de um processo transformador e de satisfação pessoal, a sua caminhada ao longo da construção de uma identidade própria tornou-se um caminho árduo. Sofia transmite-nos, nesta reflexão biográfica, a necessidade de primeiro entender e sentir que é amada (*Reconhecimento do EU* através de um reconhecimento feito pelo Outro), de modo a conseguir evoluir para um estado onde consiga amar-se a si própria (com uma *Plateia Interna* que a aplauda, não sentido necessidade de procurar compensação no exterior/social) de modo a conseguir chegar à liberdade que é amar os outros (passagem da *Indiferenciação*, às *Relações exclusivistas em Corredor*, ao *Reconhecimento de Si Própria* em relação com Outros e à passagem a uma *Rede Vincular e Social* mais abrangente).

Enquanto teoria/método psicoterapêutico, podemos pensar que o uso do Psicodrama (Grupo) poderia, em hipótese, ser usado neste caso, permitindo reconquistar a ligação entre o que sente (Corpo), o entendimento (Mente) e distância em relação a Outro (Ambiente) na dramatização. O jogo dramático, ao acontecer “fora de si” permite também o distanciamento da tensão emocional (Pio Abreu, 2002). Através das técnicas psicodramáticas o indivíduo pode expandir a consciência dos seus actos e multiplicar perspectivas, pela troca de papel e por influência do fenómeno do grupo (Geller in Gershoni, 2008). O desempenho de diferentes papéis (*Role Playing*) permite também a expansão de papéis, proporcionando maior alternativa para a acção/relação, desenvolvendo a capacidade de auto-reflexão e criando uma nova forma de estar no mundo, mais espontânea (*Role Creating*). Evitando a Conserva Cultural (*Role Taking*) patológica, por ser usada como única resposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: “Conservas Culturais Necessárias”

BÉNONY, H., & CHAHRAOUI, K. (2002). *A entrevista clínica*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1999).

BERMUDEZ, J.G. (1977). *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo: Ed. Mestre Jou.

BLATNER, A. & BLATNER, A. (1996). *Uma Visão Global do Psicodrama*. São Paulo: Ágora.

BUSTOS, Dalmiro (Orgs) - (2005). *O Psicodrama*. São Paulo: Ágora.

DIAS, Victor (2006). *Psicopatologia e Psicodinâmica na Análise Psicodramática – Volume I*. São Paulo: Ágora.

FLEURY, H., KHOURI, G. & HUG, E. (2008). *Psicodrama e Neurociência*. (Obra original publicada em 1952).

FERNANDEZ, Alicia (2001). *Psicopedagogia em Psicodrama*. Editora Vozes: Rio de Janeiro.

FREIRE, Christina (2000). *O Corpo Reflecte o seu Drama*. São Paulo: Ágora.

FONSECA, J. (2000). *Psicoterapia da Relação*. São Paulo: Ágora.

GABBARD, G. (1994). *Psiquiatria Psicodinâmica*. Porto Alegre: Artmed.

GABBARD, G. (2005). *Psicoterapia Psicodinâmica de Longo Prazo*. Rio de Janeiro: Artmed. (Obra original publicada em 2004).

GERSHONI, Jacob (2008). *Psicodrama no Século 21*. São Paulo: Ágora.

GOMEZ, L. (2005). *Uma introdução às relações de objecto*. Lisboa: Climepsi. (Obra original publicada em 1997).

GONÇALVES, Camila (1988). *Psicodrama com Crianças*. São Paulo: Ágora

LEAL (2004). *Entrevista clínica e Psicoterapia de apoio*. Lisboa: ISPA. (Obra original publicada em 1999).

MONTEIRO, A., MERENGUÉ, D. & Brito, V. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Psicodrama*. São Paulo: Ágora.

MORENO, J. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.

NERY, Maria (2003). *Vínculo e Afectividade*. São Paulo: Ágora.

PIO ABREU, J.P. (2002). *O Modelo do Psicodrama Moreniano*. Coimbra: Quarteto.

RICOTTA, Luiza (Orgs) - (1990). *Psicodrama nas Instituições*. São Paulo: Ágora.

SANTOS, Eduardo (1997). *Psicoterapia Breve*. São Paulo: Ágora. (Obra original publicada em 1952).

SOEIRO, Alfredo (1990). *O Instinto de Plateia*. São Paulo: Ágora.

VASCONCELLOS, Marina (2007). *Quando a Psicoterapia Trava*. São Paulo: Ágora.

YIN, Robert (2002). *Estudo de Caso*. Porto Alegre: Bookman.